

DF - Invasão

Trator derruba trinta barracos nas Mamoneiras

Jorge Cardoso

Ricardo Mendes
da equipe do Correio

Francisca Pereira Martins, 46 anos, juntou dinheiro sob o colchão velho para fazer compras esta semana. “Era uns R\$ 15 e umas *pratinhas*”, conta. Antes que ela pudesse comprar feijão e arroz, as economias sumiram. Desapareceram entre os escombros da cama que, por sua vez, se misturaram ao monte de tábuas e telhas que antes formavam o barraco.

A casa foi destruída por um trator da Administração Regional do Guará, e as quatro pessoas da família de Francisca ficaram ao relento.

A residência de Francisca foi um dos 30 casebres derrubados nesta semana pela administração, que declarou guerra às ocupações ilegais de áreas públicas.

“Desde que o Diário Oficial publicou, há um mês, a criação do setor de expansão da QE 38, as invasões aumentaram. Em uma semana, 20 novos barracos surgiram na expectativa de que os lotes serão doados”, diz o administrador, Alírio Neto.

MAMONEIRAS

A invasão das Mamoneiras, onde vive Francisca, reunia 14 barracos. Eles foram demolidos entre segunda e terça-feira. Ontem, oito deles já estavam sendo reerguidos. “Se eles derrubarem, a gente levanta de novo. Não temos para onde ir”, reage um dos invasores, o marceneiro José Mardônio, 35 anos.

Os moradores da invasão das Mamoneiras — localizada entre as QEs 32 e 38 — reclamam que os barracos não deveriam ser demolidos, pois haveria um acordo entre eles e o governo que garantiria a permanência das famílias até a remoção para outra área. O administrador, porém, diz outra coisa. “Ficou combinado que seria feito um levantamento sobre os moradores, o que ocorreu. Nunca garantimos que eles ficariam lá”, rebate Alírio.

Há três meses, os invasores receberam notificações avisando que



Desolado, juntamente com a família, Salustiano (E) reclama da truculência da polícia: “Derrubaram o barraco antes que pudéssemos tirar nossas coisas”

eles seriam removidos. Ninguém se mudou. Agora, o grupo tenta reunir provas de que vive ali há três anos para tentar convencer o governo a doar terrenos a eles. “Se o povo da Estrutural invadiu terra e vai ganhar lote, por que nós não podemos ter o mesmo tratamento?”, pergunta a desempregada Teresa Ferreira Teles, 34 anos, mãe de três crianças. “Esse pessoalmente quando diz que os barracos

existem há três anos. Eles se instalaram no ano passado”, ataca o administrador.

Os moradores da invasão das Mamoneiras se queixam da ação dos funcionários que atuaram na derrubada das casas. “Passaram o trator por cima do barraco antes que pudéssemos tirar todas nossas coisas de lá”, protesta o marido de Francisca, o servente de pedreiro Salustiano Pereira, 47 anos.

Sob o monte de tábuas e telhas quebradas, está a prova do que diz Salustiano: pedaços de cama, uma escova de dente, um sabonete, um tapete, calçados, roupas e uma almofada de costura com três agulhas fincadas.

Alírio, porém, prefere negar que houve truculência. “Os policiais que acompanharam a operação não registraram qualquer violência, e eu acredito neles.”

O administrador acrescenta que não tinha a intenção de deixar os moradores ao relento, como ocorreu. “Oferecemos albergues e condução a todos os invasores. Eles é que não quiseram sair de lá”, afirma.

“Eu não vou para albergue. Lá só tem bandido e drogado. Não levo meus filhos para um lugar assim”, justifica Teresa Teles. “Quero um lote para minha família.”